

Uma relação especial: a constituição de um eixo Brasil-Argentina a partir das revistas CartaCapital, Época, IstoÉ e Veja

A special relationship: the establishment of an axis Brazil-Argentina on the basis of the magazines CartaCapital, Época, IstoÉ e Veja

Ivan Bomfim¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a constituição de uma relação em eixo entre Brasil e Argentina a partir das notícias veiculadas pelas revistas semanais de informação geral CartaCapital, Época, IstoÉ e Veja. Mobilizando o conceito de interesse nacional, fazemos uso da Análise de Discurso para construir uma investigação que abranja não apenas como as publicações representam os argentinos, mas como tentam construir o relacionamento entre os países.

Palavras-chave: relação Brasil-Argentina, jornalismo internacional, interesse nacional.

ABSTRACT

This article aims at analyzing the formation of a relationship in the axis between Brazil and Argentina from the news published by the weekly general information magazine CartaCapital, Época, IstoÉ and Veja. Mobilizing the concept of national interest, we make use of Discourse Analysis to build a research covering not only as publications represent the Argentines, but as they try to build the relationship between the countries.

Key words: Brazil-Argentina relation, international journalism, national interest.

O jornalismo internacional: um processo de mediação cultural

O jornalismo internacional possui significativas diferenças com outras formas jornalísticas. Comportando

diversos âmbitos – as notícias da editoria de internacional abarcam assuntos como economia, política, cultura, etc. –, sua característica distintiva é a percepção de uma ordem geográfica (Aguilar, 2008; Natali, 2004), visto que as fronteiras físicas do Estado são reproduzidas ao estabelecermos uma notícia como circunscrita a este espaço. A definição engendra boa parte das problemáticas que a construção noticiosa sobre os acontecimentos mundiais irá apresentar. No âmbito deste artigo, investigamos as

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2705, Santana, 90.035-007, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: ivanbp17@yahoo.com.br

notícias publicadas nas revistas CartaCapital, Época, IstoÉ e Veja sobre a Argentina, no período que compreende a campanha eleitoral de 2007 e o aniversário de um ano de Cristina Kirchner à frente da presidência.

O ambiente internacional não é, na maioria dos casos, a realidade cotidiana dos indivíduos. Berger e Luckmann (1973) comentam que a percepção corpórea do presente, do “aqui e agora”, representa a esfera de realidade dominante dos homens. “Não requer maior verificação, que se estenda além de sua simples presença. Está simplesmente aí, como facticidade evidente por si mesma e compulsória” (Berger e Luckmann, 1973, p. 41). A realidade se efetiva como um mundo intersubjetivo, compondo, a partir de um entendimento de significados, o conhecimento do senso comum. Sabe-se que existem outras esferas do real, mas, quando essas são buscadas, procede-se à tentativa de traduzir as experiências nessas outras “dimensões” à realidade do cotidiano.

O jornalismo internacional deverá funcionar na interpretação das realidades externas, visto que a instância jornalística, investida de um papel particular dentro da estrutura social, desenvolveu uma legitimidade social para a produção de uma reconstrução discursiva do mundo, baseada na fidelidade entre o relato jornalístico e os acontecimentos cotidianos (Franciscato, 2005). A ideia de objetividade, ou de uma transposição objetiva dos fatos para um suporte físico (imprensa, televisão, rádio, etc.) é inerente à ideologia jornalística – afinal, o público consumidor quer saber o que “acontece” no mundo.

Para Aguiar (2008), a construção da notícia internacional se dá de maneira “pré-mediaticizada”, pois as empresas jornalísticas dependem do material disponibilizado pelas agências de notícias. Tal situação incorre em características como a homogeneidade do noticiário internacional e a cristalização de discursos e de representações sobre países, povos e culturas. Para Steinberger (2005), o jornalismo internacional, em geral, reflete a configuração de uma hierarquia entre os Estados, e os atores internacionais vistos como menos importantes serão mais suscetíveis às generalizações das agências noticiosas das nações hegemônicas, reforçando posições etnocêntricas. Com essas agências sediadas destacadamente em países com alto poderio econômico e político, as notícias utilizadas por empresas do mundo inteiro promoverão o

entendimento da existência de Estados fortes ou fracos, culturalmente ricos ou exóticos, exitosos ou fracassados, como algo natural. Pela necessidade de trazer ao entendimento do público acontecimentos externos a seu cotidiano, o jornalismo internacional tem entre seus pressupostos a lógica de recontextualização constante. Como diz Traquina (2000), ele pode ser considerado uma instância pedagógica, apresentando assuntos antes desconhecidos e relacionando-se à instituição da realidade internacional para o público.

Destacamos a importância do jornalismo a partir da compreensão da comunicação como uma mediação cultural (Martín-Barbero, 2003). Essa, ao ser realizada pelo jornalismo internacional, desenvolve-se num contínuo contato entre a realidade construída por estas notícias e as concepções circulantes sobre as “esferas de realidade” exteriores, tudo isso em meio à experiência humana cotidiana. As características narrativas do jornalismo – que permitem a construção de uma trama de faticidades, como diz Tuchman (1999) – são utilizadas para o estabelecimento do processo intersubjetivo de significação.

A divisão entre o “aqui” e o “lá fora” que estrutura o jornalismo internacional é corroborada pela ordem institucional da existência do sistema de Estados, e sentida internamente pelos indivíduos a partir da identificação nacional. Esta referencia o conhecimento acerca do outro baseado em tipificações estereotípicas, pois os estereótipos realizam o trabalho de compreensão mais fácil de novas informações, num processo relacionado à necessidade do homem de dar sentido àquilo que ele observa e que o envolve². Tal situação incorre em uma posição etnocêntrica costumeiramente reproduzida nas notícias internacionais.

A relação Brasil e Argentina a partir do jornalismo

O etnocentrismo preponderante nas notícias sobre o mundo também é notado no jornalismo internacional produzido pela mídia brasileira, de acordo com Wainberg (2006), situação manifestada pela afirmação de uma superioridade brasileira sobre o continente:

² Como explanado por Berger e Luckmann (1973), os estereótipos são formas de representação social que servem à integração, dentro do conhecimento dos indivíduos, de situações/instituições novas a partir de uma situação prévia supostamente objetiva – são integrados no acervo social do conhecimento, ou “aquilo que todo mundo sabe”. Reducionistas, eles são “modos de construir homogeneidade, histórica e circunstancialmente estabelecidos” (Ribeiro, 2002, p. 237).

No fundo, há sempre o sonho do Brasil potência, da auto-imagem de nação líder do hemisfério e de uma relação multilateral que expressa o seu desejo geopolítico de ocupar o papel de destaque na ONU e ser respeitado internacionalmente por suas especiais condições de país continental, com amplo mercado consumidor e sofisticada rede produtiva de bens e serviços (Wainberg, 2006, p. 44).

A apreensão do outro pelo jornalista brasileiro expõe as valorações realizadas na compreensão do mundo. O ambiente internacional, como observam os teóricos construtivistas das Relações Internacionais, não é instituído dentro de uma neutralidade. Nas notícias, os países (e suas identidades nacionais) são abordados de maneira com que sejam compreendidos pelo público. No caso da relação entre Brasil e Argentina, as interpretações da história em conjunto das duas nações servirá à instituição de estereótipos.

Estudos de Pozobon (2009) referenciam matrizes históricas nas percepções contemporâneas acerca da identidade argentina por meio dos produtos jornalísticos, como a conformação do europeísmo, que aparece em oposição ao elemento do tropicalismo creditado à identidade brasileira. Jacks *et al.* (2004) desconstruem a designação “*hermanos*” e mostram como o termo, por trás da aparente fraternidade, engendra um tratamento preconceituoso. Essas pesquisas evidenciam a persistência de estereótipos de discursos sócio-históricos sobre os argentinos na construção noticiosa. A manutenção de uma memória constituída sobre o outro, como expõe Alsina (2009), é reproduzida pelos jornalistas que não conseguem evitar a utilização de estereótipos na produção de material sobre aqueles que se encontram mais distantes.

Porém, acreditamos que essa prática não será denotativa, automaticamente, de uma desconsideração do outro no ambiente das relações entre os Estados. A utilização de representações sociais como os estereótipos serve, sobremaneira, a um primeiro conhecimento acerca de situações ou sujeitos antes desconhecidos, para que esses sejam trazidos à nossa esfera de (re)conhecimento, segundo Carvalho e Arruda (2008) e Spink (1995). Como trabalhamos com o relacionamento entre construtos sociais de origem discursiva (os Estados), que são estruturados a partir do balizamento pela identificação a uma identidade (no caso, as identidades nacionais) – sendo que, para Wendt (1999), o Estado é justamente uma instituição que congrega identidades e interesses – para melhor compreender o contato entre os países em seu ambiente de interação (o sistema ou ambiente internacional), fa-

zemos incursão ao campo das Relações Internacionais e exploramos o conceito de interesse nacional.

O interesse nacional

Utilizamos a concepção de interesse nacional para a análise da relação entre Brasil e Argentina. Esse conceito, desenvolvido no campo das Relações Internacionais, é constituído de maneira ambígua, sendo volúvel e aberto a diversas interpretações, encerrando, sob a definição de “nacional” objetivos específicos e localizáveis dentro da teia social (Bomfim, 2009). O termo engendra uma ideia de união ancestral, ou, na concepção de Castells (1999), de reunião dentro da “grande família nacional”, exemplificando laços imemoriais. Ao ser mobilizado, impõe aprioristicamente metas como comuns à sociedade nacional – que, fragmentada, só é tomada como uma unidade a partir da força do discurso da identidade nacional (Hall, 1998).

As Relações Internacionais, advindas do desenvolvimento da Ciência Política Internacional, são, assim como a Comunicação, um campo de desenvolvimento relativamente recente. O estudo sistemático das relações entre países teve início após a Primeira Guerra Mundial, como um desdobramento das consequências de um conflito que envolveu grande parte do globo – e mesmo da falta de conhecimento acerca do ambiente internacional, segundo Carr (2001). Sendo gestado a partir dos efeitos devastadores do conflito, a estrutura analítica foi de marcado realismo político, concebendo o contato entre as nações como uma disputa em um ambiente anárquico, em que apenas a sobrevivência importaria (Waltz, 2005; Wendt, 1999). Numa fase posterior, contudo, pesquisadores de viés liberalista acabaram por rebater esse modelo de análise, defendendo que os Estados não se encontravam em um sistema de competição, mas que a falta de metas em comum criava desentendidos. Assim, a cooperação entre as nações seria o caminho para o desenvolvimento de uma era livre de guerras no relacionamento mundial. Se os realistas afirmam que os Estados “querem” poder, os liberalistas contrapõem dizendo que o “objetivo” estatal é primordialmente a paz.

É notada a atribuição de características ontológicas aos construtos estatais. As correntes teóricas do realismo e do liberalismo, dominantes no campo das Relações Internacionais até a década de 1980, não contemplavam o estudo do que, efetivamente, constitui os “objetivos a cumprir” do Estado, que eram considerados

implicitamente. Porém, para os vieses de pesquisa construtivista, a pergunta “o que um Estado quer?” é decisiva. Conforme Finnemore (1996), não se pode entender o que os Estados querem sem compreender a estrutura social internacional da qual eles fazem parte – os interesses são construídos por meio da interação social. E esta só acontece a partir de pessoas que definem as ações que as organizações estatais terão no espaço internacional. Nesse sentido, Onuf (1998) dispõe que países são mundos sociais construídos, e veem a existir porque as pessoas acreditam e dizem que eles existem, fazendo com que o planeta, algo que existe fisicamente, seja repartido imaginariamente em centenas de Estados. As medidas implementadas a partir da consideração dessas estruturas objetivamente têm grande papel na formatação da experiência humana na contemporaneidade.

O interesse nacional deverá ser conjugado a partir de uma representação de interesses coletivos nacionais, diz Wendt (1999). Nesse processo, as contradições sociais serão sublimadas para a persistência de uma “razão maior” de união, que pode ser caracterizada como uma identidade social ou coletiva. Para Resende (2010), o contato entre as identidades será o fator decisivo para a instituição dos interesses. Estados passam a existir (Brasil e Argentina, por exemplo), assim como identidades nacionais (brasileiros e argentinos), como se fossem entidades naturais, não social e culturalmente definidas.

A política externa depende de representações que são atribuídas à nação, ao povo ou ao interesse que se busca proteger assim como à situação de ameaça ou crise que se procura eliminar. Para tanto, precisamos primeiro dar significado à realidade e povoá-la de objetos e de relações entre estes. O Estado, através da política externa, articula, constrói e atribui identidades específicas a outros Estados, regiões, povos e instituições ao mesmo tempo em que constrói e atribui para si uma identidade. (Resende, 2010, p. 51)

A condição de ser algo presumível é um dos pontos de partida para a investigação do interesse nacional dentro do jornalismo. Sua constituição é dependente de enquadramentos³ da realidade, podendo ser exposta a partir do estudo dos discursos constitutivos das notícias sobre o ambiente internacional. Como, seguindo Benetti

(2008), consideramos o jornalismo uma forma de discurso, investigamos a constituição do interesse nacional por meio da Análise de Discurso em sua vertente francesa.

Procedimentos metodológicos

Salientamos que os estudos discursivos representam a existência de uma perspectiva interdisciplinar entre o jornalismo e as Relações Internacionais, dado que as investigações focadas sobre a construção da notícia e as teorias construtivistas dos estudos em RI possuem fundamentação na sociologia do conhecimento, em especial no trabalho de Berger e Luckmann (1973). Os sentidos conformativos de interesse nacional podem ser identificados nas notícias, e esses, ao tratarmos da Argentina, relacionam-se a contextos sócio-históricos do contato entre os países.

A análise de discurso pauta-se por “mostrar, em relação à organização textual, como se constrói a unidade do texto a partir do processo de produção do sentido e do sujeito” (Orlandi, 1988, p. 71). Como a linguagem não é algo transparente, os enunciados são suscetíveis de tornarem-se outros, deslocando-se discursivamente. O discurso é um efeito de sentido entre locutores, baseado na possibilidade da construção de significados por meio da interação linguística, dependendo do contexto interpretativo entre os envolvidos. Para Maingueneau (1997, p. 21), o discurso estabelece “espaços de regularidades associados a condições de produção”. Como necessita da relação entre sujeitos para existir, é condicionado pela intersubjetividade.

O discurso jornalístico apoia-se no efeito de realidade que a construção noticiosa realiza. “O fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos. [...] somos obrigados a abandonar uma visão ingênua, a de que o discurso poderia ser analisado sem considerar o contexto de produção dos sentidos” (Benetti, 2008, p. 108). Assim, procuramos delinear núcleos de sentido correspondentes a formações discursivas – com os núcleos subsidiando a efetivação de enquadramentos.

³ Os enquadramentos jornalísticos podem ser definidos como uma forma de princípio interpretativo que estrutura um conjunto de temáticas (Antunes, 2009). São padrões de cognição, interpretação e apresentação dos fatos, que influenciam no processo de significação das notícias e referenciam formas de compreensão.

Para a análise⁴, foram escolhidas as quatro principais revistas semanais de informação geral brasileiras: CartaCapital, Época, IstoÉ e Veja. Foi estabelecido o *frame* temporal de 15 meses, compreendo edições entre agosto de 2007 (dois meses antes da eleição presidencial argentina) e dezembro de 2008 (quando Cristina Kirchner completa um ano de mandato), resultando em 60 edições de cada publicação. As notícias (textos) foram reunidas a partir de duas concepções: a) notícias que tratassem da realidade interna argentina e a relacionassem ao contato entre os dois países (o que foi definido pela menção ao Brasil); e b) notícias que focassem assuntos sobre o relacionamento, em ambiente internacional, dos dois Estados. O corpus final foi composto por 52 textos: dez em CartaCapital, 12 em Época, 20 em IstoÉ e sete em Veja, além de três textos referentes às seções de “frases da semana” de cada publicação, somando mais um em Época e dois em Veja.

Como conjugamos elementos das Relações Internacionais, procuramos analisar como as notícias enquadram diversos aspectos para a caracterização da dinâmica entre brasileiros e argentinos, com a percepção do interesse nacional sendo estabelecida a partir de uma contextualização. Assim, investigamos a conformação de uma relação em eixo, englobada no núcleo de sentidos exposto a seguir. Posteriormente, apresentamos⁵ como esse foi notado em cada publicação.

O eixo Brasil-Argentina

A constituição de um eixo engendra a consideração do relacionamento entre Brasil e Argentina como naturalmente especial, sendo diferente das relações que estabelecem com outras nações. É uma forma de parceria estratégica e, mesmo quando é indicada preponderância da posição brasileira, esta é colocada como um fator agregador. Bandeira (1993) diz que as relações internacionais dos dois países acabam sendo afetadas pela ideia de eixo que eles desenvolvem.

Esse núcleo de sentidos também é relacionado a um espelhamento das situações experimentadas pelos países. A comparação entre as realidades brasileira e argentina estruturada a partir do exemplo, e não da concorrência, cumpre papel de destaque. O conceito de desenvolvimento é significativo, pois incorre na busca por crescimento conjunto. “Relações em eixo reconhecem a necessidade de ajustar a estratégia política à complementação econômica dessa natureza” (Cervo, 2008, p. 212). O eixo apoia-se na concepção de uma “relação entre irmãos”, que não são iguais e nem precisam gostar um do outro, mas que são referenciais. Não se pressupõe amizade, mas necessidade – embora esta, em quase totalidade, seja facultada apenas à Argentina, e indicada implicitamente no tocante ao Brasil. Não há um antagonismo em relação às decisões que envolvem os dois Estados. Notamos também a possibilidade de repercussão entre o que acontece com (ou na) Argentina e que afeta o Brasil, e vice-versa. Por vezes, a mecânica desta situação não é explicada pelos semanários, simplesmente “acontecendo”.

CartaCapital – pela integração latino-americana

A visão em relação à Argentina como parceiro responsável, com fundamentos mais sólidos sobre a sua política e economia, orienta a formação discursiva de eixo na publicação. A consideração da legitimidade institucional dos líderes do país apresenta-se como fator importante – Néstor Kirchner e, posteriormente, Cristina Kirchner exercem o poder balizados pelo respaldo eleitoral. A possibilidade de uma atuação em parceria do casal no futuro governo de Cristina não é visto como algo problemático, já que ambos, apesar trabalharem juntos, possuem trajetórias individuais politicamente importantes e independentes.

A situação é emblemática, pois, na reportagem *A marcha dos pingüins*⁶, é acionada a história da Argentina para afirmar uma diferença entre as primeiras-damas

⁴ A escolha das publicações deveu-se concepção de que representam o universo das revistas de informação geral mais importantes do país, seja por critério de tiragem e circulação (segundo o site da Associação Nacional de Editores de Revistas - ANER) ou por repercussão (devido ao número de estudos rastreados). De qualquer forma, importa dizer que o jornalismo de revista é definido por Vilas Boas (1996) e Lage (2001) como distinto principalmente por flexibilizar pressupostos ligados à periodicidade diária, servindo como resumo da semana e contextualizando os acontecimentos.

⁵ Nas sequências discursivas apresentadas como exemplo na investigação das notícias, destacamos, em negrito, termos que materializam as marcas discursivas.

⁶ CARTACAPITAL: *A marcha dos pingüins* (22/08/2007).

Isabelita Perón e Cristina Kirchner, que ascenderam ao papel de presidente por meios diferentes (Isabelita assumiu o poder após a morte de seu marido, Juan Perón, e foi derrubada pelo golpe militar de 1976). Ou seja, a relação de Cristina com o marido na política está além da questão conjugal – mesmo esta sendo considerada bonificadora para a afirmação de uma maior consistência, pois a recuperação do país é tida como um feito das prerrogativas adotadas por Néstor. Em geral, constrói-se a imagem de uma nação que almeja um papel mais influente, situação tomada como positiva. Surge um espaço de corresponsabilidade, baseado em viés mais relacionado a fatores sociais – os discursos de verve econômica e política agrupam sentidos que apontam para a importância da economia e da política para a vida cotidiana das pessoas.

É delineado que o eixo Brasil-Argentina deve ser repensado, incluindo a Venezuela, com o presidente Hugo Chávez sendo representado como portador de visão estratégica para o projeto de integração latino-americana. Porém, é mantida fortemente a concepção de referencialidade entre brasileiros e argentinos.

A integração sul-americana como garantia de autonomia de toda a região ante as pressões do Norte é proposta com mais coerência por Caracas, mas só o Brasil (se não se iludir com os acenos do “Primeiro Mundo”) tem as condições e os recursos para torná-la possível. O governo argentino, enfraquecido pelo imediatismo de suas políticas, pelo confronto com suas próprias elites e por suas próprias miopias em relação a vizinhos como o Uruguai, não parece à altura do papel de mediador que lhe poderia caber. Ainda assim, se as perspectivas dos três países, juntos, não parecem tão boas quanto seria de se desejar, serão muito mais piores se enfrentarem o mundo em separado⁷.

Época – unidos pela economia

Os sentidos indicam uma importância econômica da relação, e essa é colocada como o fator de maior rele-

vância. A dinâmica política é tratada como uma forma de implementação de decisões econômicas. Essa primazia é relacionada à percepção de uma possível complementaridade. A eleição de Cristina Kirchner, por exemplo, pode significar uma transformação no contato entre brasileiros e argentinos porque ela seria mais amigável que seu marido e antecessor, representado como arredo e de difícil trato. Néstor teria buscado mostrar-se forte para superar uma desconfiança inicial e sua “rebeldia” seria uma revolta vazia contra o ambiente internacional – ordenado a partir de uma ótica que se estrutura dentro dos interesses do capital.

*Com seu estilo exuberante, Cristina posou para fotos ao lado de um sorridente Lula. Ele não confirma, mas a peronista – que pode ganhar a eleição já no primeiro turno no dia 28 – é a sua favorita. **A Argentina é uma parceira muito importante do Brasil no continente. E Néstor Kirchner, marido de Cristina e atual presidente da Argentina, é encrenqueiro demais⁸.***

Cristina Kirchner é mirada como uma interlocutora de qualidade, com isso refletindo na possibilidade do desenvolvimento de projetos em comum entre Brasil e Argentina. A então candidata a presidente busca mostrar-se como confiável aos investidores estrangeiros (que são, para Época, uma espécie de consciência mundial), e deixar Néstor para trás mostra-se uma libertação.

A referencialidade também é percebida por meio da interação política, embora surjam dúvidas em relação a assuntos comerciais (Cristina é designada como “aliada na política e na diplomacia apesar das disputas comerciais⁹”). O estreitamento de contato com outros países é justificado por possíveis ganhos econômicos. O discurso de eixo não se estabelece sobre concepções idealistas de integração latino-americana – sendo essas desacreditadas –, e Brasil e Argentina são tidos como alvo em potencial de outros Estados. Estrutura-se uma disputa entre brasileiros e venezuelanos pela liderança do espaço continental, e a Argentina acaba tornando-se um país cuja vinculação ao Brasil aparece ameaçada pela cobiça de Hugo Chávez.

O encontro dos presidentes Lula e Cristina Kirchner, em Buenos Aires, teve uma participação inesperada. O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, roubou

⁷ CARTACAPITAL: *Y todavía te quiero* (13/08/2008).

⁸ ÉPOCA: *O nome dela é Kirchner* (18/10/2007).

⁹ ÉPOCA: *Ser o maior tem um preço* (17/12/2007).

a cena ao discursar por uma hora e meia. Atacou os Estados Unidos e negou qualquer deterioração nas relações com o Brasil. Lula esperava ter um papel de maior destaque no encontro, para o qual levou 300 empresários. Mas Chávez parece acreditar que a Argentina é dele. A Venezuela comprou US\$ 6,340 bilhões em títulos do país¹⁰.

A ação venezuelana é tomada como um elemento perturbador. Para chegar à liderança da América Latina, Chávez precisa “tomar” a Argentina do Brasil – ou seja, fazer com que a referencialidade do relacionamento entre brasileiros e argentinos se arrefeça.

IstoÉ – a importância geopolítica

A publicação apresenta sentidos que indicam a concepção de eixo, em especial nos textos que tratam da dinâmica continental. Embora haja desconfiança em relação às intenções argentinas, é representativa a concepção de uma referencialidade, dada pela interação entre os Estados – colocados, a partir de seus presidentes, como decisores da realidade da América Latina. IstoÉ considera os sistemas econômicos como consequentes das decisões políticas, e a importância da ação dos chefes-de-Estado é destacada. Esse fato, porém, não retira da economia força dentro do contato entre brasileiros e argentinos.

A convergência econômica só é disposta a partir de mudanças no quadro político da nação vizinha, amparando-se na eleição de Cristina Kirchner. Néstor é representado como um líder instável, guiado por uma concepção de rivalidade em relação ao Brasil. Porém, esta nova etapa nas relações entre os países não configura uma amizade “pura e simples”: os Estados têm interesses guiando a efetivação do contato.

A deferência a Lula e ao Brasil não é mera gentileza de vizinho. Nem mera diferença de estilo da mulher com relação ao marido, Néstor Kirchner, que forçou embates políticos e econômicos com o governo brasileiro. Cristina é mais gentil porque, muito mais do que

Néstor, ela, que toma posse em meio a uma grave crise energética, precisa do Brasil. A próxima inquilina da Casa Rosada quer mais do que simples socorro com o objetivo de resolver o problema do abastecimento de energia. Em conversa com o presidente Lula, de cerca de uma hora de duração, Cristina deixou claro o que espera do Brasil: que o País exerça seu papel de principal liderança política na América do Sul.

É tudo o que Kirchner, e a maioria dos governos argentinos anteriores, sempre procurou evitar. A nova presidente argentina quer o Brasil na liderança do continente por enxergar nessa hipótese a melhor chance de neutralizar uma dependência econômica cada vez mais crescente em relação à Venezuela do imprevisível Hugo Chávez¹¹.

O objetivo dos argentinos seria não se colocar como dependente da Venezuela. Para tanto, estariam inclusive mudando pressupostos históricos, dados a ver como se fosse uma modificação de sua “própria natureza”. É indicado que, para Cristina, estreitar os laços com o Brasil representa uma oportunidade de salvação, efetivada pela hegemonia brasileira no continente. Essa vontade argentina de preponderância brasileira será estruturada a partir dos investimentos no país, livrando sua economia da interferência venezuelana.

Para a constituição da parceria, há debate de temas que historicamente foram foco de atrito, como o compartilhamento de fontes energéticas. Caso não reconhecesse os argentinos como um “outro” que permitisse o aprofundamento da relação, as decisões políticas possivelmente não seriam implementadas – ou noticiadas como possibilidades. A concepção de referência é estruturada mesmo em situações distintas das decisões que envolvem a dinâmica estatal em uma consideração “tradicional”:

De olho no efeito Cristina Kirchner, a executiva do DEM discute o plano de construir, com antecedência, a candidatura de uma mulher à Presidência da República. Por enquanto, a única cotada é a senadora Kátia Abreu, do Tocantins. Vice-presidente da Confederação Nacional da Agricultura, ela seria também a primeira candidata do agronegócio. Aos 45 anos, topa a parada: “É inevitável que o Brasil também tenha uma mulher na presidência”¹².

¹⁰ ÉPOCA: *O “invasor” Chávez* (11/08/2008).

¹¹ ISTOÉ: *Vamos dançar um tango* (28/11/2007).

¹² ISTOÉ: *Retrato falado* (07/11/2007).

O “efeito Cristina Kirchner” implica exemplo: se uma mulher foi eleita líder na Argentina, tal fato pode acontecer aqui também. Partindo do viés político que lhe é peculiar, IstoÉ faz uma argumentação da aprovação no país vizinho como um fator de reconhecimento positivo. Uma situação que só fará sentido se for considerada a ideia de que o que acontece com a Argentina tem potencial repercussão no Brasil.

Veja – um eixo negativo

A composição de um eixo aparece em poucos textos. O sentidos são dados a ver em notícias que apresentam um funcionamento dos países em conjunto, mas, em nenhum momento, esse fato é colocado como algo positivo. Pelo contrário, é indicada uma ação oposta do governo em relação aos próprios brasileiros, baseada na concepção de que a administração do presidente Lula é permissiva para com Estados que repetidamente só agem contra o Brasil. Neste caso, a Argentina.

*No meio da tarde de quinta-feira passada, Lula ligou para uma deprimida Cristina Kirchner, que horas antes havia sofrido a maior derrota no Congresso. Foram dez minutos de conversa e tentativas de levantar o moral de Cristina*¹³.

*[...] as vítimas mais expostas dessa excessiva tolerância do governo petista em relação aos abusos cometidos pelos hermanos são as empresas e os cidadãos brasileiros nos países vizinhos*¹⁴.

A ironia em relação a Cristina se dá em composição a um auxílio de comisseração do mandatário brasileiro, sustentando um contato confidencial. Tem-se em vista que Cristina é desacreditada como líder política em boa parte dos textos, sendo também reiterada a oposição de Veja em relação ao presidente Lula e a seu partido político.

Considera-se que a atuação de Lula e do Partido dos Trabalhadores é contrária ao interesse nacional, pois é tolerante com os “outros”, enquanto “empresas e cidadãos” são acossados pelos “hermanos” – com o termo utilizado também para os latino-americanos em geral. O semanário

apresenta uma concepção muito forte destes povos como inimigos, e a situação é percebida na mobilização da Argentina. São valoradas negativamente as decisões da diplomacia brasileira.

*“Devemos fazer com que o Paraguai obtenha o máximo de benefício em função da sociedade que eles têm conosco em Itaipu”. Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, anunciando previamente a rendição. “Espero que a Argentina não peça uma votação sobre quem é o maior jogador da história. O Celso Amorim votaria no Maradona”. Eduardo Sciarra (DEM-PR), comentando a disposição do ministro*¹⁵.

Por uma lógica de exposição em contraponto, aliada ao comentário sobre a frase do ministro Celso Amorim, o periódico argumenta que o continente se opõe ao Brasil, querendo tirar proveito do país. O mais absurdo seria os brasileiros atuarem em parceria com essas nações, e é o que, justamente, a administração petista está fazendo, segundo Veja. É trazida à discussão uma concepção facultada aos argentinos, de que eles “pensam” que Diego Maradona foi o maior futebolista de todos os tempos. O chanceler estaria em funcionamento tão conjunto com os “inimigos” (que pretendem nos derrotar, face à afirmação de uma “rendição” brasileira) que ele mesmo professaria a crença argentina. Por meio dos sentidos que confluem para o estabelecimento de um eixo, os textos trabalham com a ideia de que o grupo que administra o país o está expondo aos perigos do entorno.

Considerações finais

Tentamos apresentar diferentes aspectos tornados relevantes nas publicações que constituíssem o núcleo de sentidos de eixo sobre a relação entre Brasil e Argentina. Percebemos que, mesmo diante da ideia de referencialidade, há uma conformação de realidades muito distintas entre as revistas, advindas do estabelecimento de enquadramentos que cada uma acaba realizando na construção noticiosa. Esses “moldes” servem à compreensão tanto dos acontecimentos internos ao país vizinho quanto,

¹³ VEJA: *Calma, Cristina, isso passa* (23/07/2008).

¹⁴ VEJA: *Pode bater que o gigante é manso* (01/10/2008).

¹⁵ VEJA: frases, 30/04/2008.

em especial, da constituição do relacionamento entre os Estados no sistema internacional.

Não foram encontradas afirmações de amizade entre as nações – a relação em eixo é bastante significativa nesse sentido, porque o único viés de amizade que aparece é entre os presidentes (e isso não é visto, necessariamente, como um algo bom, vide Veja). Os países se procuram pela necessidade um do outro, e o Brasil não aparece como dependente da Argentina – no máximo, são considerados codependentes. Os argentinos são colocados, invariavelmente, dentro da esfera de influência do Brasil pelos semanários, mesmo que esse posicionamento aconteça a partir de motivações distintas. Salientamos que o uso de estereótipos não caracteriza necessariamente uma posição negativa em relação ao outro (como afirmam os analistas de discurso, a linguagem não é transparente). Estas tipificações cumprem, em geral, o papel de auxiliar na contextualização das informações. Assim, é significativo que, mesmo tratando os argentinos a partir de termos que, à primeira vista, indicariam preconceito, a caracterização da relação Brasil-Argentina depende significativamente dos núcleos de sentidos acionados, não sendo sempre instituída, pelo jornalismo, uma disputa.

A apreensão dos vizinhos por meio desses moldes preestabelecidos a partir de contextos sócio-históricos integra o conceito de etnocentrismo do jornalismo brasileiro em relação aos países latino-americanos (exaltando, às vezes de maneira não muito sutil, a preponderância do Brasil) e, em especial, à da nação vizinha. Historicamente, os dois Estados se constituíram em constantes conflitos, e a memória desses embates é dada a ver nos discursos que envolvem nossa linguagem e teia social. Porém, em se tratando de um relacionamento em ambiente internacional, é significativo que o contato tornado acontecimento jornalístico não se mostrará apenas como mais um capítulo de uma “eterna” rivalidade. As revistas, que buscam apresentar-se como resumos da semana para seu público-leitor e funcionam na prática da cobertura mundial como uma instância pedagógica, apresentam uma Argentina que, por diferentes questões, “funciona” em acordo às premissas definidas como interesse nacional brasileiro – excetuando-se o exemplo de Veja, para a qual o estabelecimento de um eixo no relacionamento é danoso aos objetivos do Brasil. Em CartaCapital, Época e IstoÉ, de certa forma são amenizadas tensões para a consecução de metas comuns, sendo relativizadas posições de disputa no ambiente internacional. É disposta uma necessidade de desenvolvimento, e a associação mira alcançar esse objetivo – o que é estabelecido pelos semanários tanto a partir de considerações “objetivas” ou “subjetivas”. Assim, nos

meandros da consideração do outro como figura essencial, afirma-se a nossa mútua referencialidade.

Referências

- AGUIAR, P. 2008. *Jornalismo internacional em redes*. Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social, 120 p.
- ALSINA, M.R. 2009. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 351 p.
- ANTUNES, E. 2009. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. *Revista Galáxia*, 18:85-99.
- BOMFIM, I. 2009. O nome do jogo: “Interesse Nacional” – a midiaticização de um conceito ambíguo. *Ecoss Revista*, 13:39-53.
- BANDEIRA, M. 1993. *Estado nacional e política internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)*. Brasília/São Paulo, EDUNB/Ensaio, 304 págs.
- BENETTI, M. 2008. Análise de Discurso em jornalismo: estudo das vozes e sentidos. In: C. LAGO; M. BENETTI. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, Vozes, 286 p.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. 1973. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 248 p.
- CARR, E. 2001. *20 anos de Crise: 1919-1939*. Brasília, UnB, 354 p.
- CASTELLS, M. 1999. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 530 p.
- CARVALHO, J.G.S.; ARRUDA, A., 2008. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. *Paideia*, 18(41):445-456.
- CERVO, A.L. 2008. *Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros*. São Paulo, Saraiva, 297 p.
- FINNEMORE, M. 1996. *National Interests in International Society*. Ithaca and London, Cornell University Press, 154 p.
- FRANCISCATO, C.E. 2005. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão, Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 273 p.
- HALL, S. 1998. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A editora, 102 p.
- JACKS, N.; BENETTI, M.; MULLER, K. 2004. *Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y la rivalidad entre Brasil y Argentina*. Buenos Aires, La Crujía, 151 p.
- LAGE, N. 2001. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis, Insular UFSC, 158 p.
- MAINGUENEAU, D. 1997. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes, 198 p.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2003. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 369 p.

- NATALI, J.B. 2004. *Jornalismo internacional*. São Paulo, Contexto, 127 p.
- ONUF, N. 1998. Constructivism: a user's manual. In: V. KUBÁLKOVÁ; N. ONUF; P. KOWERT, (ed.). *International relations in a constructed world*. Armonk, M.E. Sharpe, 214 p.
- ORLANDI, E.P. 1988. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 118 p.
- POZOBON, R. 2009. Estereótipos e dinâmizações das identidades argentinas a partir da instância midiática. *Alceu*, 9(18):96-107.
- RESENDE, E.S.A. 2010. Identity, Discourse and U.S. Foreign Policy: The Writing of a Puritan National Identity in the War on Terror. In: I.C., VELJANOVA (Org.). *Perception, Meaning & Identity*. 1 ed. Oxfordshire, Inter-Disciplinary Press, p. 49-58.
- RIBEIRO, G.L. 2002. Tropicalismo e Europeísmo. Modos de representar o Brasil e a Argentina. In: G.L. RIBEIRO; A. FRIGERIO; G.L. RIBEIRO. *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis, Vozes, 271 p.
- SPINK, M.J. 1995. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: P. GUARESCHI; S. JOVCHELOVITCH (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, Vozes, 324 p.
- STEINBERGER, M. 2005. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo, EDUC, 310 p.
- TRAQUINA, N. 2000. A redescoberta do poder do jornalismo: análise da teoria do agendamento. In: N. TRAQUINA (org.). *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra, Minerva, 145 p.
- TUCHMAN, G. 1999. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: N. TRAQUINA (org.). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Lisboa, Vega, 360 p.
- VILAS BOAS, S. 1996. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo, Summus, 129 p.
- WAINBERG, J. 2006. Noticiário internacional e a incompreensão do mundo. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 29(1):39-55.
- WALTZ, K. 2005. *El poder y las relaciones internacionales*. Ciudad de México, Colección Estudios Internacionales, 218 p.
- WENDT, A. 1999. *Social Theory of International Politics*. New York, Cambridge University Press, 429 p.

Submetido: 12/10/2011

Aceito: 16/01/2012